

Encontros

Catarina Peixinho

Paris, le 8 juin 1923

*Cher Monsieur de Picasso-
_____ Voulez-vous que nous nous
rencontrions lundi, à 17h12, au Graff de
la rue Saint-Lazare _____ celui qui se
trouve en face, l'entrée de l'Hôtel
« Terminus ». Si oui : inutile de
confirmer. J'y serai.*

En hâte, & bien à vous,

E. Satie

Escondido atrás de uma enorme tela, Picasso recebe esta carta com surpresa pois de Satie nada sabia, desde há uns seis anos. A curiosidade e a vontade de se reencontrar com o músico que pouco conhecia levou-o a não confirmar o convite. Parou de pintar e a memória de *Parade* começa a desenhar-se no seu espírito. Recorda-se de ser apresentado por Varèse a Jean Cocteau que lhe fala dos seus novos projectos; consegue lembrar-se da hesitação que sentiu entre as possíveis críticas dos amigos e o tema que lhe era sugerido. Quanto foi forte, para ele, a ideia da vida metida numa caixa e em cena.

Nunca abandonando os pincéis, eram poucos os estímulos para sair da tela, mas no dia do reencontro com o velho amigo, apressou-se a subir a rua Saint-Lazare. Paris estava quente. Enquanto andava, pensava na tela que se encontrava a pintar e no nome com que a baptizaria. Já se cruzava na sua memória os acrobatas em collants, a pequena rapariga americana e o prestidigitador chinês, personagens de *Parade*, três ícones do imaginário popular. E claro, os seus arlequins.

Num pequeno apartamento que exalava um cheiro leve de mofo, Satie vestia um dos seus fatos cinzentos que aproveitava para estrear dada a usura em que caíra o outro dos seus doze fatos.

Faltava pouco mais de trinta minutos para o seu encontro quando se lembrou de retirar de uma gaveta atulhada a partitura com que receberia o amigo. Contemplou-a ainda por instantes e recordou-se dos poucos amigos, do circo e da sua vida. Olhou de relance para um velho relógio que tinha em cima do piano e reparou que faltava um minuto para as 17h00. Era pontual. Tinha de se despachar.

O encontro frente ao Hotel foi breve, sem grandes palavras, limitando-se ao curto encontrar de olhares e troca de leves sorrisos. Satie raramente se ria e, quando o fazia, pedia desculpa.

Apesar do conforto e do requinte do Hotel, Erik preferia que a conversa se travasse num lugar sossegado, não por temer o seu rumo mas...nem sabia bem porquê... o seu quarto parecia-lhe melhor opção.

Quando Picasso passou a porta ficou petrificado pela estranheza de tal habitat. Num dos extremos do quarto atulhado de chapéus de chuva, talvez uns cem, encontravam-se dois pianos sobrepostos; as portas do armário estavam escancaradas e deixavam perceber o elevado número de fatos iguais; o chão estava praticamente atapetado por pautas pisadas negligentemente por Satie. Numa parede enegrecida pelos anos, via-se um pequeno letreiro que dizia "Je suis venu au monde très jeune dans un temps très vieux". A Picasso aquele pequeno caos inspirou-lhe algum conforto mas começou a perceber por que os outros achavam Satie excêntrico.

Agitado, o músico encontra finalmente as lunetas que sempre o acompanham e cuja ausência lhe causa um certo desconforto. Olhou demoradamente para Picasso, como se lhe fosse fazer o retrato, e reconheceu de imediato a mesma camisola às riscas que vestia quando se encontraram da última vez e isso agradou-lhe, pela nostalgia.

O pintor que já há muito trazia debaixo do braço dois enormes embrulhos, lembra-se de repente:

- Trago-lhe isto para que veja e delas faça o uso que entender.

Satie agradece delicadamente e lentamente retira o papel pardo do primeiro embrulho. Era uma pintura onde se podia identificar o velho Picasso: no meio de algumas formas agudas e cúbicas, adivinha-se um homem, dois copos e, a um canto,

um pedaço de uma partitura colada. Respirou fundo e disse:

- Les Gymnopédies. Merci.

Antes de abrir o segundo embrulho, estendeu uma garrafa a Picasso e um copo. Absinto porque sabia satisfazer o pintor. Picasso dá um gole, acende um cigarro e diz:

- Pensei intitula-la “Celebração de um Encontro” embora não goste de títulos... lembrei-me...

Ainda não tinha terminado a frase já se via a segunda tela, *Parade*, que Picasso reproduzira para oferecer ao músico.

Então Satie que pouco falava -- era de feitio -- pegou na partitura, sentou-se ao piano e recordaram o trabalho, o prazer que tiveram e o escândalo gerado por esta criação conjunta.

Lembraram Cocteau, os acrobatas, os bailarinos, os cães sábios, o circo, o pano de veludo do teatro do Chatelet, o cavalo alado, o Arlequim, o Pierrot, a Columbina, os managers com o rosto tapado, a continuidade do ritmo, a batida quase metronómica, as melodias despojadas e os motivos de dança, os ruídos das sirenes e a máquina de escrever, enfim, o desconcerto entre a vida do circo e a da cidade.

Terminado o novelo das memórias, Satie com os olhos fixos na tela pergunta:

- E depois? Que fez o amigo?

- Depois mudei. Cansei-me dos clichés pictóricos gastos pela moda. Pensei “há que matar a arte moderna”.

- Não me diga que mudou de estilo, como dizem os críticos? Deixou de lado os seus “arlequins”?!?

- Estilo, amigo, é um modo de exprimir que invento e mudo, quando sinto que já não está de acordo com o que quero dizer.

- Nesse aspecto estamos de acordo.

- Decidi-me pelo retorno à monumentalidade das obras dos meus colegas do passado, da Roma clássica, da Renascença.

Satie, sorrindo em jeito de provocação, exclama:

- Não acredito que os copie!!

Bebendo mais um gole quente de absinto e olhando penetrantemente para Satie, o pintor exclama:

- Odeio mimetismos! Antes, moldo-os à minha mente. E os Arlequins... perguntou-me por eles? Não deixo de me fascinar por essa figura enigmática, metade criador, metade destrutor. Estão apenas a repousar no meu espírito, à espera de novos dias.

- Posso então ler nas suas palavras que deixou de lado os losangos, os triângulos, os corpos quase deformados, os volumes,...

Picasso interrompe a enumeração e visivelmente irritado afirma

- Quando me chamam cubista ferve por dentro. Abomino classificações, as teorizações dão-me náuseas.

Satie procura acalmar a ira que parecia distorcer as feições daquele génio. Mas Picasso prossegue:

- Nunca abandono nada porque nunca me fixo a nada. Apenas sinto, muitas vezes, a necessidade de me esvaziar completamente, de começar do zero, de inventar qualquer coisa. Quero, agora, arredondar as minhas formas. Quero, apenas agora.

Satie permanecia emudecido. O tempo passava depressa e os sinos da igreja mais perto anunciavam a chegada da noite.

Levantando-se vagarosamente, o compositor estende uma pasta guarnecida de partituras a Picasso.

- Leve-as para um dia me ter no pensamento ou então use-as para os seus rabiscos -- disse sorrindo com alguma ironia. Sabe que os seus colegas já me chamam o Picasso da música? Sinto-me lisonjeado.

Com uma sonora gargalhada o autor de *Demoiselles d'Avignon* diz:

- Não lhes leve a mal! Mas sabe-me explicar essa malfadada comparação?

- O amigo sabe que pertenci e fui compositor da seita da Rose-Croix?

- Sim. E isso faz de si um Picasso?!

- Sabe também da minha paixão pelo número 3 que me tem levado a compor peças cuja quantidade atinge esse número?

- Sim, lembro-me bem das suas três *Sarabandes*, das suas *Gymnopédies*, daquela outra... aquela que tem nome de fruto...

- *Trois morceaux en forme de poire?*

- Essa mesmo, desculpe-me o grave esquecimento.

- Essa obra foi um grito de revolta contra quem dizia que a minha música não tinha forma.

- Mas, desculpe-me a insistência, continuo à espera de um motivo para que você se transforme em mim!

- Para mim o 3 é um número místico, uma espécie de superstição. Há nele algo de divino e emblemático. Ora, não há também um pouco de misticismo nos seus Pierrots e nos seus Arlequins? Não representam eles passagens de um mundo para o outro?

- Ah! Começo a perceber... Mas isso não o faz merecedor de uma pena tão pesada...o Picasso da música.

Satie compõe ligeiramente as lunetas, fecha um dos pianos e reflecte.

- Sabe, aprecio a sua ideia de juntar planos separados no espaço, de reencontrar muitos pontos de vista numa única composição. É curioso...agora vejo com clareza que também eu escrevi muitas

vezes três peças que eram tão somente três olhares diferentes sobre um único conceito musical.

Picasso recosta-se na velha cadeira e como se estivesse a pensar alto diz:

- Afinal não estamos assim tão longe!

Com a cabeça baixa, o músico murmura.

- Estamos sim. Eu nunca fui admirado por nenhum dos meus colegas, nem pelo público que tentou ouvir-me!

- E Debussy?

- Debussy foi dos únicos. Disse-me um dia que o surpreenderam as minhas harmonias, a maneira como uso duas ou mais tonalidades ao mesmo tempo, a simplicidade das formas...achava também curiosas as minhas partituras sem barra de compasso. Mas como havia eu de competir perante as obras de grandes dimensões dos meus colegas?

- E porque havia de querer competir? Eu acho-o genial e se isso faz ou não de si um Picasso pouco importa.

- Para ser sincero, fartei-me, como disse há bocado, de clichés; quis mesmo fazer pequenas peças.

- Mas não se estará a esquecer das *Vexations*? Repeti-las 840 vezes é obra de génio. Já imaginou os pianistas que vão ser precisos para as interpretar de uma só vez?

Os dois riem largamente enquanto imaginam a cena.

- E que me diz das frases que escrevia antes das peças? Estou-me a lembrar daquela "Abre a tua cabeça" ou a outra "Como um ovo".

Um sino bateu as nove horas da noite, quando Satie explicava a Picasso que gostava de brincar com os intérpretes e com as próprias obras.

A despedida é inevitável mas Satie ainda tem tempo para propor a Picasso o desenho dos cenários de um ópera em que andava a trabalhar.

Um forte abraço separa os dois homens que a História acabará por aproximar.

Satie agradece comovido as telas, retira pela primeira vez as suas lunetas e pede a Picasso que continue sempre à procura de outros caminhos.

Com um aceno de mão Picasso diz:

- *Flauta de Pan*. É o nome que darei à minha nova obra. Fico feliz em dar-lhe esta notícia ao mesmo tempo que a dou a mim próprio. Adeus.

- Adeus.

Satie apaga a luz, abandona o quarto cada vez mais escurecido pelo pó. Na rua nada de novo. Caminha direito, olhando, de vez em quando, firmemente para trás de si e respira devagar enebriado pelo encontro da tarde.